

SERMAM,

QUE PREGOU *R 24340*

OP. ANTONIO
VIEIRA,

AO ENTERRO DOS OSSOS

DOS

ENFORCADOS,

NA MISERICORDIA DA CIDADE DA BAHIA,
havendo guerras naquelles Estados.

Reimpresso á custa

D E D. T. A.

F. do S. Officio.



LISBOA,

Com todas as licenças necessarias, Anno 1753

PORTALEGRE

SE R M A M

OP. ANTONIO

VIEIRA
AO ENTRO DO OSO

ENFORCADOS

NA MISERICORDIA DA GUNDA DE BAHIA

haverão porem nesses Estados

D E D . T . A .



L I S B O A

Em Lisboa se vende em todas as Livrarias

de 1800

Misericordia, & veritas obviaverunt sibi, justitia, & pax osculatae sunt. Psalm. 84.

§ 1.

ESTA dobrada uniaõ de virtudes, que David prometteo ao Mundo, quando nelle se vissem tambem unidas a Natureza Divina com a humana, saõ as duas partes, de que religiosamente se compoem todo este apparatus funebre, que entre horror, e piedade, temos presente. Despojos da justiça, troféos da misericordia. Vêde com que differentes Procisloens, e com que diversos acompanhamentos, estes mesmos homens vivos, foraõ levados pela justiça ao lugar infame do supplicio, e mortos saõ trazidos pela misericordia, com tanta honra ao da Ecclesiastica sepultura. Alli pagáraõ, o que mereciaõ os delictos, aqui recebem o que se deve á humanidade. Diz pois David, que naquelles tempos ditos, sahindo a se encontrar a misericordia, e a justiça, a justiça se abraçou com a paz, e a misericordia com a verdade: *Misericordia, & veritas obviaverunt sibi, justitia, & pax osculatae sunt.*

Psalm. 84. 11.

Abraçáraõ-se a justiça, e a paz, e foy a justiça a primeira, que concorreo para este abraço: *Justitia, & pax.* Porque a justiça naõ he a que depende da paz (como alguns tomaõ por escusa) senaõ a paz da justiça. Faça a justiça aquella justa guerra, de que elles ossos saõ os despojos, e delles, e della nascerà a suspirada paz, cuja falta padecemos ha tantos annos. No Nascimento de Christo annunciáraõ os Anjos paz aos homens: *Et in terra pax hominibus.* E donde lhe havia de vir essa paz aos homens, e á terra? Naõ precisamente do Rey pacifico, que nascia, senaõ da justiça, que em seus dias havia de nascer: *Orietur in diebus ejus justitia, & abundantia pacis.* Nascerà em seus dias a justiça (diz o Profeta,) e entaõ haverá grande colheita de paz: porque a paz saõ os frutos da justiça. Toda a Republica em todo o

Luc. 2. 14.

Pf. 71. 7.

tempo ha mister paz, e a nossa no tempo presente do-
brada paz: paz interior contra os inimigos de dentro:
paz exterior contra os de fóra; e huma, e outra teremos,
se a justiça a cultivar, como deve. Vêdes aquelles ossos
desenterrados? Pois aquella he a semente, de que nasce
a paz. A justiça semêa-os no ar, e a paz colhe-se na
terra. Absalaõ quer dizer: *Pax Patris*: Paz de seu Pay;
mas não foy paz de seu Pay estando vivo, senão depois
de morto, e enforcado. Vivo fez-lhe cruel guerra; en-
forcado deu-lhe a paz de todo o Reyno. Se houvera jus-
tiça, que enforcára Absaloens, eu vos prometto, que
dentro, e fóra não houvera tantas guerras. O mayor
exemplo de justiça, que vio o Mundo, foy o do Diluvio:
e que se seguiu depois d'elle? A paz, que trouxe a Pom-
ba a Noé no ramo da Oliveira. As aguas do Diluvio não
arrancáraõ, nem seccáraõ a Oliveira, antes a regáraõ. De-
baixo dellas se conservou inteira, e verde, porque de-
baixo dos grandes, e exemplares castigos, cresce, e re-
verdece a paz.

2: Reg.
19. 1.
Gnes.
8. 11.

Para mim o primeiro final della, não foy o da Pomba
senão o do Corvo. Sahio o Corvo da Arca, poz se a co-
mer, e cevar nos corpos afogados do Diluvio: e quando
se dá carne de justiça aos Córvos, segura está a paz do
Mundo: Se o Corvo trouxera á Arca huma daquellas ca-
veiras, tanto, e mais se pudera assegurar della Noé, que
da Oliveira da Pomba. Nunca Jerusalem gozou mayor
paz, que no tempo d'El Rey Salamaõ, mas essa não estava
só no Olivete, senão no Calvario. Assim o profetizou ao
mesmo Salamaõ teu Pay, fallando da felicidade do seu
Reynado: *Suscipiant montes pacem populo, & colles justitiam.*
Os montes traráõ a paz ao povo, e os outeiros a justiça.
E porque os outeiros a justiça, e os montes a paz? Porque
em Jerusalem havia hum monte mais alto cuberto de Oli-
veiras, que era o Olivete, e outro outeiro, ou monte mais
baixo, cuberto de caveiras, que era o Calvario, onde se
justi-

25. 71.
3.

justificavaõ os delinquentes. E quando os outeiros, como o Calvário, com as suas caveiras, mostraõ a justiça ; os montes, como o Olivete, com as suas Oliveiras, annunciaõ a paz: *Suscipiant montes pacem, & colles justitiam.* Oh ^{*Ibide*} como veriamos elles montes coroados de paz, se se vissem estes outeiros semeados de justiça ! Mas nós esquecidos desta regra (que tambem he militar) todos nos occupamos em fortificar, e presidiar outeiros, e montes. Que importa, que estejaõ presidias as Fortalezas, se estaõ delguarnecidas as forcas ? Aquellas saõ as que nos haõ de defender da Justiça Divina, que só vem do Ceo, quando falta na terra. O Imperador Maximiliano, quando via huma forca, tirava-lhe o chapéo ; porque estas (dizia) saõ as que me sustenraõ em paz o meu Imperio. Por isso diz David, como Profeta, e tambem o pudera dizer como Rey, que a justiça, e a paz se abraçáraõ: *Justitia, & pax osculatae sunt.*

Tenho declarado huma das partes do Thema, que sendo taõ propria do tempo, tambem naõ foy alheya do lugar, e do acto presente, pois he da misericordia, que suppoem justiça ; para discorrer mais largamente sobre a segunda, e principal, he-nos necessario mayor Graça. *Ave Maria.*

§. II.

Misericordia, & veritas obviaverunt sibi.

HUm dos mais prodigiosos casos, com que o Ceo af-sombrou a terra, e as nossas terras, foy o memoravel terremoto da Ilha Terceira, naõ muitos annos antes deste. Arruinou, subverteo, e arrazou totalmente a Villa, chamada da Praya ; mas foy muito mais notavel, pelo que derrubou. Unicamente ficáraõ inteiras, e sem lezaõ, estas tres partes, ou peças daquelle Povo : a Cadea publica, a Casa da Misericordia, e o Pulpito da Igreja mayor. Oh Providencia Divina, sempre vigilane, que ainda nos casos, que parecem, e podem ser da Natu-
reza

reza! Aquellas tres exceiçoens tão notaveis, não foram sem grande mysterio. E todos, os que as viraõ, o nõfaraõ, e reconhecerãõ logo. No Carcere o reconhecerãõ a justiça, no Hospital a Misericordia, e no Pulpito a verdade. Como se nos prégára Deos aos Portuguezes, e mais aos das Cidades, e Praças maritimas (como esta he, e aquella era) que por falta de Justiça, de Misericordia, e de Verdade, se vem tão destruidas, e assoladas as nossas Conquistas. E que só se pôde defender, conservar, e manter em pé sobre tres columnas: com verdade, e com misericordia, e com justiça: da justiça basta, o que fica dito: da misericordia, e verdade diremos agora.

Misericordia, & veritas obviaverunt sibi. Contêm estas palavras, Senhores, hum documento notavel, e muito digno de o notarem, e advertirem todos, os que nesta illustissima Comunidade com o nome, e com as obras professãõ misericordia. Profetiza, e canta David, como maravilha, e excellencia propria da Ley da Graça, que nos tempos della (que são estes nossos) a misericordia, e a verdade se concordariaõ, se abraçariaõ, e se uniriaõ entre si. Isto quer dizer *Obviaverunt sibi.* E he notavel dizer. As virtudes não são como os vicios. Os vicios, ainda que se ajuntem no mesmo sujeito, e para o mesmo fim, sempre vão atados ao revés, como as rapozas de Sanção, sempre desencontrados, e inimigos. Não assim as virtudes. As virtudes conservaõ tal irmandade, e harmonia entre si, que sempre estão unidas, e concordes: e entre todas as virtudes, a nenhuma he mais intrinseca esta uniaõ, que á verdade, porque a virtude, que não he juntamente verdade, não he virtude. Como diz logo David, e como celebra por maravilha, propria da Ley de Christo, que a misericordia se ajuntaria com a verdade, e a verdade com a misericordia: *Misericordia, & veritas obviaverunt sibi.* Humã cousa diz David, outra suppoem, e ambas certas.

tas. Diz, que a misericordia, e a verdade se haviaõ de encontrar, e unir; porque assim o manda Christo: e supoem, que a misericordia, e a verdade, podiaõ andar desencontradas, e desunidas; porque assim acontece muitas vezes. Nem tudo o que parece misericordia, he misericordia, e verdade. Ha misericordias, que saõ misericordias, e mentiras. Parecem misericordias, e saõ respeitos: parecem misericordias, e saõ interesses: parecem misericordias, e saõ outros affectos taõ contrarios desta virtude, como de todas.

Quem ouvisse dizer a Judas: *Ut quid perditio hæc? Potuit enim istud venundari multo, & dari pauperibus.* Matth: 26. 9. Para que he desperdiçar assim este unguento taõ precioso? Melhor fora vendelo por muito dinheiro, e matar com elle a fome a muitos pobres. Quem ouvisse isto a hum Apostolo, havia de dizer, que era vontade de fazer bem; que era espirito de caridade, que era impulso, e affecto de misericordia. Mas o Evangelista Saõ Joaõ, que lhe conhecia o animo, vêde, que differentemente no lo pintou, e despintou: *Dixit autem hoc, non quia de egenis pertinebat ad eum, sed quia fur erat, & loculos habens.* Naõ dizia isto Judas, porque tratasse dos pobres, lenaõ porque tratava de si. As palavras pareciaõ de hum Apostolo, mas os intentos eraõ de hum ladraõ. Era cobiça em habito de piedade, era ladroice com rebuço de misericordia; *Quia fur erat, & loculos habens.* Eu naõ quero applicar, faça-o cada hum consigo, te achar por onde. Vamos a outro exemplo de gente mais honrada, e de materia mais perigosa.

Sahio Abrahão peregrino da sua patria, fez assento em Egypto com toda a sua familia, e naõ se tinhaõ passado muitos dias, depois que chegára, quando já era hum dos mais ricos, e poderosos do lugar: tinha muitos campos, muitos gados, muitos escravos, liberalidades tudo do Rey, e moradores daquella terra. Quando

do isto li a primeira vez, comecey a murmurar de nos-
 sos tempos, e a dizer comigo: Esta sim, que he carida-
 de, esta sim, que he misericordia. Remediar com tan-
 ta presteza hum homem peregrino, socorrer com tan-
 ta abundancia huma familia desterrada, não se faz as-
 sim entre nós com os retirados de Pernambuco: li por
 diante, e tudo, o que ouvistes, nada era menos, que
 apparecia. Parecia piedade, eraõ respeitos: parecia
 misericordia, e eraõ interesses. Digamolo mais claro.
 Parecia caridade, e era amor. Todas estas enchentes
 de bens corriaõ á casa de Abrahaõ, não por amor de
 Abrahaõ, senaõ por amor de Sara; e não porque era
 peregrina Sara, senaõ porque a formosura de Sara era
 peregrina: *Scio, quod pulchra sis mulier: Abraham bene
 usi sum propter illam.*

Genes.
 12. 11.
 & 16.

De forte (como dizia) que nem tudo, o que pa-
 rece misericordia, he misericordia, e verdade, senaõ
 muitas vezes misericordia, e mentira. Em Judas o zelo
 dos pobres, parecia misericordia, e era cobiça: em Fa-
 raõ o agazalho dos peregrinos, parecia misericordia,
 e era lascivia; e se estes defeitos se a chaõ em miseri-
 cordias coroadas, ou com a coroa Sacerdotal, como era
 a de Judas, ou com a coroa Real, como a de Faraõ,
 menos maravilha seria, que se possaõ achar nas miseri-
 cordias de outros sujeitos, onde os da menor condiçaõ, e
 os da mayor, todos saõ inferiores. Com ser porẽm as-
 sim, que em muitas acçoens, e obras de misericordia,
 a misericordia, e a verdade andaõ desencontradas (de
 que póde ser, que nesta mesma Casa, e dentro destas
 tantas paredes, assim nas eleiçoens dos officios, como
 no exercicio delles haja menos antigos, e mais palpa-
 veis exemplos) deixados elles á consideraçãõ, e confi-
 ciencia do tribubunal, a quem toca, e vindo ao acto
 presente, como proprio deste dia; digo, Senhores, que
 entre todas as obras de misericordia, que ou publica,
 ou

ou privadamente professa o vosso Instituto, esta he singularmente aquella, em que a misericordia, e a verdade se achão juntamente. Nas outras obras de misericordia póde ir a misericordia por hum caminho, e a verdade por outro; nesta não he assim. Por mais descontraçadas, e mais longe, que andassem huma da outra, aqui se encontraõ, aqui se abraçaõ, aqui se unem: *Misericordia, & veritas obviaverunt sibi.*

E para que conheça a Irmandade da Misericordia quanto digo nisto, que digo, ouçamos ao mesmo David, não já fallando da misericordia humana, mas da Divina. O mayor Prégador da misericordia entre todos os Profetas, foy David. E todas as vezes, em que elle (como cu agora) se achava em algum grande auditorio, o que prégava da misericordia de Deos, he, que sempre andou junta com a verdade: *Non abscondi misericordiam tuam, & veritatem tuam à concilio multo.* Como Rey, que tanto devia á misericordia Divina, e como Profeta, que tambem a conhecia, sempre a trazia na boca, mas sempre junta com a verdade. Se fallava com Deos, misericordia, e verdade: *Misericordia, & veritas præcedent faciem tuam: Domine, in Cælo misericordia tua, & veritas tua usque ad nubes.* Se fallava de Deos, Misericordia, e verdade: *Misericordiam, & veritatem diligit Deus: Universe viæ Domini misericordia, & veritas.* Se nos exhortava a louvar a Deos, misericordia, e verdade: *Laudate Dominum omnes gentes, confirmata est super nos misericordia ejus, & veritas Domini manet in æternum. Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam; super misericordia tua, & veritate tua.* Mas porque insistia tanto David nos louvores de Deos, em ajuntar sempre a verdade com a misericordia? Porque he taõ grande prerogativa, taõ alta, e taõ divina a uniaõ da misericordia com verdade, que entre todos seus attributos, de nenhum se preza, nem gloria mais Deos.

que desta uniaõ. O mesmo Deos o revelou assim a David, e o mesmo David a nós: *Super misericordia tua, & veritate tua, quoniam magnificasti super omne nomen sanctum tuum.* Quiz Deos magnificar, e engrandecer o seu nome, quiz tomar para si hum nome, que fosse sobre todo o nome; e o nome, que elegeo entre todos seus attributos, foy misericordia, e verdade. A seu Filho deu Deos hum nome sobre todo o nome: *Et dedit illi nomen super omne nomen*: e para si tomou tambem hum nome sobre todo o nome: *Magnificasti super omne nomen sanctum tuum.* E assim como o de Christo sobre todo o nome, he JESU: *Ut in nomine Jesu omne genu flectatur.* Assim o nome de Deos, sobre todo o nome, he misericordia, e verdade: *In misericordia tua, & veritate tua* Naõ misericordia, e justiça, naõ misericordia, e sabedoria, naõ misericordia, e omnipotencia, naõ misericordia, e immensidade, senaõ misericordia, e verdade: e se a uniaõ da verdade com a misericordia, he taõ sobre-excellente, e taõ sobre divina na Misericordia de Deos; vêde, que será, e qual será na misericordia humana; poishe, Senhores, o que eu digo desta acção da misericordia, que temos presente: *Misericordia, & veritas obviaverunt sibi.*

§. III.

E Se me perguntais o fundamento desta taõ gloriosa, e quasi divina singularidade, respondo, que por duas razoens, ambas tambem presentes, huma geral, outra particular. A primeira, e geral; porque he obra de misericordia, feita a homens mortos. A segunda, e particular; porque he feita a mortos justificados, e tirados da forza.

Começando pela primeira. Entaõ se une a misericordia com a verdade, quando a obra de misericordia he taõ verdadeira, e pura, que naõ tem mistura de outro affecto, que a vicie, nem liga de outro motivo, ou respeito, que a falsifique. E taes saõ as obras de misericordia, que se exercitaõ com os mortos. Quando Judas

Judas condemnou a unção da Magdalena, acodio o Divino Mestre a emmendar a censura do máo Discipulo, dizendo, e ensinando a toda a sua escola, que aquella obra fora boa: *Opus enim bonum operata est in me.*

Matth:
26. 10

Em dizer o Senhor absolutamente, que a obra fora boa, qualificou, e defirio, que era livre de todo, e qualquer defeito, que a pudesse viciar; porque *bonum ex integra causa, malum ex quocumque defectu.* Agora pergunto: e porque foy absolutamente boa, e pura aquella obra, e não só livre dos defeitos, que lhe oppunha a calumnia de Judas, senão de todo o defeito? Eu cuidava, que nas mesmas palavras de Christo estava a verdadeira razão: não só disse o Senhor: *Opus bonum operata est*; mas acrescentou: *in me*: em mim. E como aquella obra fora feita em Christo, a Christo, e por Christo, parece, que não havia mister outra couza, nem outra prova, para ser qualificada por boa, e puramente boa: *Opus bonum.* Assim o cuidava eu, e creyo, que o cuidarão todos; mas não foy esta a razão, com que o Senhor provou a bondade, e pureza da obra, senão outra muito mais secreta, que ninguem podia imaginar, verdadeiramente admiravel, e profundissima: *Mittens hac unguentum hoc in corpus meum ad sepeliendum me fecit.* Os unguentos preciosos, e aromaticos naquelle tempo ufavaõ se para ungir os mortos, e tambem os vivos. Os vivos por delicia, os mortos para a sepultura. Responde pois Christo a Judas: Vês este unguento, que derramou a Magdalena sobre mim, e de que tu tanto te escandalizas? Pois has de saber, que ella não me ungia por delicia, como vivo; senão para a sepultura, como morto. Quando meu corpo estiver morto no Sepulchro, hame de querer ungir a Magdalena, e não ha de poder: e porque a sua devoção merece, que eu não deixe de receber este ultimo officio de piedade, por isso com moção, e instincto divino

me veyo ungrir anticipadamente, para prevenir em meu corpo esta cerimonia de defunto: *Prevenit unctio de corpore meum.* De sorte (notay agora) que para Christo haver por provado, que aquella obra era absolutamente boa, e livre de todo o respeito, e defeito humano, não bastou referir, que era feita a elle, como todos estavaõ vendo, mas foy-lhe necessario revelar o mysterio, que só o mesmo Senhor, e a Magdalena entendiaõ; e declarar, que o não ungio como vivo, tenaõ como morto: *Opus bonum operata est, ad sepeliendum me fecit.* Tanto vay nas obras de misericordia serem feitas a mortos, ou a vivos, ainda que o vivo seja o mesmo Christo. Se fora obsequio feito a Christo vivo, pudera arguir a especulaçaõ, e suspeitar a malicia, ou murmurar, e calumniar algum defeito aparente, que quando menos o puzesse em duvida; mas como era obra de misericordia, exercitada com hum corpo morto; e para lhe dar sepultura irrefragavelmente ficou demonstrando, que era verdadeira, e pura misericordia, ou fallando nos nossos termos, que era misericordia, e verdade, *Misericordia, & veritas.*

O fundamento solido, e claro desta Filosofia, he, porque os motivos, que podem viciar a pureza, e falsificar a verdade das obras da misericordia, são outros respeitos humanos; e na dos mortos não ha respeitos. Ponhamos o exemplo nos mais respeitados, e nos mais respeitofos do Mundo, que são os Reys, e os que andão mais chegados a elles. Morreo El Rey Herodes, aquelle, que logo em seu nascimento quiz tirar a vida a Christo, e o obrigou a fugir ao Egypto; e tanto que morreo, appareceo o Anjo a São Joseph, e disse-lhe; que seguramente podia tornar para as terras de Israel:

Defuncti sunt enim, qui querebant animam pueri. Porque já eraõ mortos, os que perseguiaõ o Menino. Este porque do Anjo, parece, que foy mais largo, do que ha-

via de ser. O Evangelista diz, que só morrerá Herodes: *Defuncto Herode*. Pois se o que morreo foy só Herodes, perseguidor de Christo, como diz o Anjo, que morrerão todos, os que o perseguião? Porque com a morte dos Reys morrem todos os respeitos, que os acompanhaõ na vida. Herodes perseguiu a Christo, por respeito da Coroa, os demais perseguião-o por respeito de Herodes, e como morreo Herodes, tambem morrerão com elle todos effes respeitos.

E diz o Anjo angelicamente, não, que morrerão os respeitos, senão que morrerão os respeitosos, ou respectivos; isto he, os familiares de Herodes, para que se defenganem todos os mortaes, de quam pouco se devem fiar os mortos dos vivos. Em algumas naçoens da India, quando morrem os Reys, mataõ-se juntamente com elles todos os seus criados, e validos. Cá não se mataõ, mas tambem morrem. Morrem para elles, e vivem (como sempre viverão) só para si. E se isto succede aos Reys, que será dalli abaixo? Defenganemos pois, que para os mortos não ha vivos. Todos morrem com quem morre: *Defuncto Herode: defuncti sunt enim*. Atay as palavras do Evangelista com as do Anjo, e notay muito aquelle *enim*. Morrem os vivos com os mortos, sem outro achaque, nem porque, senão porque elles morrerão. Não morreria muito tresvariado, e fóra de si, quem nomeasse por seu testamenteiro hum morto? Pois assim o fazem, os que na morte encómdaõ os descargos de sua alma aos vivos. Até os que na vida morrião por vós, na morte morrem com vosco. Vêde-o nos filhos para com os pays, e nos irmãos para com os irmãos, e o que he mais, que tudo, nos amigos para com os amigos. O par mayor dos amigos, que lemos na Escritura (que os outros são fabulosos), forão Jonathas, e David. Morreo Jonathas, ficou David vivo, e tudo, o que fez por elle, foy tirar a fazenda a seu

2. Reg. 1. 16 & 27. seu filho, e compôr hum Soneto, ou huma Canção á sua morte: *Deleo super te, frater mi Jonatha, deore nimis, & amabilis super amorem mulierum. Sicut mater unicu- cum amat filium suum, ita ego te diligebam.* Reparay no diligebam: amava. Elle mesmo confessa, e diz, não que ama, senão que amava, porque com a morte de Jonathas, morreo tambem o amor de David. Fiay-vos lá de amigos, e mais dos mais discretos? O que podeis esperar, quando muito, da sua memoria, ou do seu entendimento, he huma meya folha de papel, com quatorze versos: melhor fora huma Bulla de defun- tos.

Mas tornando a Herodes, e á declaraõ dos res- peitos, porque na sua morte. morreraõ com elle todos os seus; he de saber, que este Herodes, por sobrenome Alcalonita, foy o homem, que por todas as artes, e manhas, soube melhor ganhar, sujeitar, e unir a si os animos dos homens. Como era intruso na Coroa, e reynou quarenta e dous annos, sempre com receyo, de que o privassem do Reyno; a huns grangeava com favores, e mercês, como Rey, a outros sujeitava com rigores, e castigos, como tyranno. E por este modo dominava de tal sorte a todos, que não havia no seu Reyno, mais, que huma só vontade, que era a sua. Bem se vio na entrada dos Magos em Jerusalem, com voz de outro Rey: *Turbatus est Herodes.* Turbouse He- rodes: *Et omnis Hierosolyma cum illo.* E todos por elle, e com elle. E assim como todos viviaõ com elle, quan- do vivo; assim todos morreraõ com elle, quando mor- to. Em quanto vivo, huns viviaõ com elle pelo bene- ficio; outros pelo medo; tanto que morreo morreraõ tambem todos com elle, porque nem huns tinhaõ já que temer, nem outros, que esperar. Esta he a mayor miseria dos mortos, serem gente, que não póde fazer bem, nem mal. E porque com elles morrem, e se aca- baõ

baõ todos os respeitos, e dependencias, porque se governa os affectos humanos, por isso assim como nelles aquella he a mayor miseria, assim para com elles esta he a mayor misericordia. Misericordia sem respeito, misericordia sem dependencia, misericordia sem motivo algum, que naõ seja pura misericordia, e por isso em fim misericordia, e verdade: *Misericordia, & veritas.*

Naõ sou muito amigo de autoridades, porque raramente se pódem ajustar com quem disler, o que naõ está dito. Ouçamos porém a de Santo Ambrosio, que melhor, e mais altamente, que todos tocou este ponto. Naquelle seu famoso Livro, que intitoulou de *Officiis*, fallando da sepultura dos mortos, diz, que entre todos os beneficios, que póde fazer a piedade humana, este he o mais excellente: *Nihil hoc officio prestantius*. Outros diriaõ, que mayor beneficio, e mayor obra de misericordia he sustentar os pobres, e remir os cativos, porque a huns dá-se vida, e a outros liberdade. Com tudo este grande Doutor da Igreja, e Mestre de Santo Agostinho, diz, que dar sepultura aos mortos, ainda da parte de quem recebe o beneficio, he o mais excellente de todos, e dá a razaõ: *Nihil hoc officio prestantius, ei conferre, qui tibi jam non potest reddere*. He (diz) o mais excellenté de todos, porque he o beneficio feyto a quem naõ póde pagar: eu accrescentára, nem dever. He fazer bem, a quem vos naõ póde fazer bem: eu accrescentára, nem mal. He obra, de que tenaõ espora agradecimento: eu accrescentára, nem queixa. He finalmente compadecerme eu, e remediar a quem naõ padece a miseria, nem sente o beneficio, que isto he ser morto. O bem, que se faz aos vivos (como bem sabem os que o fazem, e naõ ignoraõ os que o recebem) póde-o negociar o interesse, póde-o solicitar a dependencia; póde-o violentar o respeito: e nada disto

disto se pôde esperar de huns ossos leccos, nem temer de humas cinzas frias. Logo a sepultura dos mortos he o mayor officio de piedade, como diz Ambrosio: logo a sepultura dos mortos he misericordia, e verdade, como nós dizemos, porque he misericordia pura, e limpa de toda a outra attençaõ, e nua, como a verdade, de todo o respeito. Mas concluamos com a Escriptura, que he só a que diz tudo.

Ps. 87.
11. Considera David o estado dos mortos, e admirado de que tambem delles tenha providencia Deos; exclama, ou pergunta assim: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* He possivel, Senhor, que com os mortos, que já não tem ser, ha de ser taõ cuidadosa a vossa providencia, que faça por elles maravilhas? Não se poderá exagerar mais, nem encarecer melhor, quam grande cousa he fazer bem aos mortos, e lembrar delles; pois hum Profeta, que sabia, e conhecia de Deos mais que todos, chega a chamar a esta obra; milagre da Divina Bondade, e não só o venera com tanta admiraçaõ, mas quasi parece, que o duvida: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* Ora saibamos, em que topava esta admiraçaõ, e difficuldade de David, e que mayor, ou menor razaõ achava nos mortos, que nos vivos, para ser mais maravilhosa nelles a providencia, e bondade Divina. O mesmo David se declarou respondendo a huma pergunta com outra pergunta, e amplificando hum *nunquid* com outro *nunquid*: *Nunquid narrabit aliquis in sepulchro misericordiam tuam, & veritatem tuam in perditione?* He possivel, que se haõ de contar exemplos da vossa misericordia na sepultura, e da vossa verdade na perdiçaõ? Se David fizera de encõmen-da este verso, não viera mais de molde ao que dizemos. Primeiramente chama á misericordia verdade, e á sepultura perdiçaõ: e logo poem a misericordia na sepultura: *Misericordiam in sepulchro*: e a verdade na perdiçaõ:

dição: *Et veritatem in perditione*. Porque em ser a sepultura perdação, consiste o ser a misericordia verdade. Ora vêde: Lá disse com alta Filosofia Seneca, que a verdade de bem fazer, não consiste em dar o beneficio, e perdello, senão em o perder, e dallo: *Beneficium est non dare, & perdere, sed perdere, & dare*. Dar o beneficio, e perdello, he caso, que succede muitas vezes, ou por imprudencia de quem o dá, ou por impossibilidade, ou avareza; ou por ingratidão de quem o recebe, e neste caso a boa obra não he beneficio, he ignorancia, ou desgraça. Pois quando he verdadeiro beneficio a obra boa? Quando quem a faz, sabe que a perde, e com tudo a faz. E taes são os bens, que se fazem aos mortos. Como os mortos não sentem, nem conhecem o beneficio, que se lhes faz, e ainda que o conhecerao, não o podem agradecer, nem pagar, tudo o que se faz aos mortos, he como se se se perdesse, e por isso a sepultura se chama perdação: *In sepulchro, in perditione*. E com tudo, que sendo a sepultura perdação, haja com tudo misericordia tão alheya, e tão limpa de todo o interesse, que não só dê sepultura aos mortos; mas sepultura tão nobre, e tão honrada, como a que temos presente, com tão longo, e tão illustre acompanhamento, com tanta pompa de luzes, com tanta magestade de insignias, com tanto apparatus, e riqueza de tumulos, com tanto concerto, e harmonia de ceremonias sagradas, de Ministros, de Suffragios, e Officios Ecclesiasticos; estas são as maravilhas da misericordia, de que David, parece, que se duvidava, e se admira: *Nunquid mortuus facies mirabilia?* E esta he aquella pura misericordia, que por não ter mistura alguma de outro affecto, ou respeito, se chama em Deos, e nos homens misericordia, e verdade: *Misericordiam tuam in sepulchro, & veritatem tuam in perditione. Misericordia, & veritas obviaverunt sibi*.

Está dada a primeira, e geral razão, mas não basta, porque tem sua réplica. Passemos á segunda, e particular, que a não tem, nem póde ter. Basta absolutamente ser a obra de misericordia, feita a mortos, por ser misericordia, e verdade, se verdadeiramente se faz aos mortos, como a mortos. Mas alguma vez, e muitas, não basta, porque muitas vezes são servidos, e honrados os mortos, não por si mas por respeito dos vivos. Isto não he misericordia, e verdade, senão hypocrisia, e mentira, sem misericordia. Não vêles nas mortes, e funeraes, principalmente dos grandes, os concursos, e assistencias de todos os Estados, que se fazem áquelles perfumados cadaveres, de cujas almas por ventura se não tem tanto cuidado? Pois não cuideis, que cuidamos, que o fazeis por piedade dos mortos. Todos sabemos tão bem como vós, que são puras ceremonias, e lisonjas, com que incensais os vivos,

Hia Christo chegando ás portas de Naím, quando vinha sahindo a enterrar com grande pompa, e acompanhamento de toda a Cidade, hum moço, filho unico de huma mãy viuva, a qual tambem com muitas lagrimas seguia a tumba. Descreve o Evangelista S. Lucas este encontro por occasião de hum famoso milagre, que o Senhor alli obrou, e diz desta maneira: *Ecce defunctus efferebatur, filius unicus matris suae: & haec vidua erat: & multitudo copiosa plebis cum illa.* S'hia a enterrar hum moço, filho unico de sua mãy, a qual era viuva, e hia grande multidão de povo com ella. Não sey, se reparais nos termos. Não diz o Evangelista, que os que acompanhavaõ o defuncto, hiaõ com elle, senão com ella: *Cum illa.* Parece, que havia de dizer, que o acompanhamento hia com o filho, e não com a mãy, porque o filho era o defuncto, e a mãy viva; mas por isso mesmo disse, que hiaõ com ella, e não com elle: *Cum illa;* porque ordinariamente, o que

parece,

parece, que se faz aos defuntos, faz-se aos vivos. Se fora a de Junta a mãy, o acompanhamento havia ir com o filho, mas porque o defunto era o filho, o acompanhamento hia com a mãy. Por mais que sejaõ funeraes os obsequios, aos vivos he que se fazem, e não aos mortos. Ouvis aquelles resposos de corpo presente taõ concertados, e taõ sentidos? Pois não se rezaõ aos defuntos, cantaõ-se aos vivos. Por isto os de Naím no enterramento do filho da viuva hiaõ com ella, e não com elle. O filho era o defunto, e a mãy a acompanhada. Os da tumba levavaõ o morto, os do acompanhamento levava-os a viuva. Elle hia para a sepultura, e elles não hiaõ com quem hia, hiaõ com quem ficava.

Se isto he o que passa nas Cidades pequenas, como a de Naím; que será nas grandes Cortes, onde he tamanha a lisonja dos vivos, como o esquecimento dos mortos? Ponhamonos na de Memphis. Morreo Jacob, pay de Joseph, no Egypto, e depois morreo tambem Joseph na mesma Corte. Mas he digno de admiração, e de pasmo o modo, com que se portáraõ os Egypcios em huma, e outra morte. Na de Jacob duráraõ os prantos, e as exequias setenta dias: *Flevit eum populus septuaginta dies.* E porque logo se trasladou seu corpo para a terra de Canaan, como tinha mandado, acompanharaõ-no até lá todos os Principes ^{grandes} do Paço de Faraó, e todos os Magist^{ra}dos, e Senhores de Egypto com grandes tropas de cavallaria, e apparatus de carroças: *Ierunt cum eo cuncti seniores domus Pharaonis, cunctique maiores natu Egypti; habuitque in comitatu carrus, & equites.* Assim foraõ caminhando até fóra das rayas do Egypto, e depois que passáraõ o Jordaõ, e chegáraõ ao lugar do sepulchro, renováraõ outra vez as exequias, por espaço de sete dias, com tantas lagrimas, e extraordinarios prantos, que admirados os Cananêos, puzeraõ por nome áquelle sitio: *Planctus Egypti:* o Pranto do Egypto. *Ubi celebrantes exequias*

Genes.
50. 8i

Genes.
50. 7i
& 9i

Genf.
50. 20.
& 11.

exequias planctu magno; atque vehementi impleverunt septem dies: Quod cum vidissent habitatores terræ Canaan, Excitatum est nomen loci illius: Planctus Egypti. Taõ sentida, e taõ magestosamente como isto celebráraõ os Egypcios as exequias de Jacob, pay de Joseph. E quaes vos parece agora, que seriaõ as do meõmo Joseph, quando depois morreo no meõmo Egypto? De industria referi todas as palavras, com que a Escriitura as descreve, as do pay, para que a mesma Escriitura nos diga tambem as do filho.

Genf.
50: 26

Ouvi com assombro, o que diz: *Mortuus est Joseph expletis centum, & decem vitæ suæ annis, & conditus aromatibus repositus est in loculo in Egypto.* Morreo Joseph de idade de cento e dez annos, e unguido como era costume dos Hebreos, o meteraõ em hum lugar do tamanho do feu corpo no Egypto. E naõ diz mais a Historia Sagrada, sendo estas as ultimas palavras de toda, a que escreveo Moysés. E que he das exequias? Que he das lagrimas, e prantos? Que he da solemnidade do enterro? Que he dos apparatus funebres? Que he dos mausoléos, e pyramides Egypciacas? Que he do concurso da Corte? Que he do acompanhamento, e assistencia dos Tribunaes, dos Ministros, e Senhores grandes da casa de Faraõ, de que Joseph era o mayor, o mais valído, o mais respeitado, e adorado, e sobre tudo o mais benemerito? Nada d'isto diz Moysés, sendo sem duvida, que havia de dizer, se o houvera, assim como com tanta especialidade, e miudeza descreveo as honras, e exequias de Jacob. Pois se a Jacob só por ser pay de Joseph sem outro merecimento, ou serviço, com que tivesse obrigado aos Egypcios, lhe fazem na morte taõ magnificas exequias, e taõ exquisitas honras, e o que he mais acompanhadas de tantas lagrimas, e prantos; como falta tudo isto na morte de Joseph, na morte, outra vez, daquelle meõmo Joseph, a quem os meõmos Egypcios deraõ o nome de Redemptor do Mundo, porque ao Rey tinha remido, e conservado

servado o Réyno, e aos vassallos primeiro tinha dado a vida, depois a fazenda, e ultimamente a liberdade? Aqui vereis quanto vay de mortos a mortos, quando concorre, ou falta o respeito dos vivos. Quando morreo Jacob era vivo Joseph, e porque era vivo o filho, e tal filho, fizeram tantas honras ao pay. Pelo contrario, quando morreo Joseph, não deixou vivo depois de si a quem os Egypcios respeitassem, ou de quem dependessem; e como não havia vivos, para os obsequios, não houve exequias para o defunto. Só se podiaõ disculpar os Egypcios com Joseph, dizendo, que lhe faltáraõ com as lagrimas na morte, porque já lhas tinhaõ dado em vida. E assim foy. Nas exequias de Jacob, o chorado não era o pay, era o filho; porque não choravaõ os Egypcios pelo morto, choravaõ para o vivo. Sahiaõ as lagrimas dos seus olhos, para que as vissem os de Joseph: e não as exprimia a dor, ou a faldade, senão a dependencia, e lisonja; como lagrimas de figuras pintadas, que assim como se rim sem alegria, também choraõ sem tristeza.

De todo este discurso taõ provado com a Escritura, e taõ confirmado com a experiencia, se conclue sem controversia, nem réplica, que este acto de misericordia, que temos presente, he acto puramente de misericordia, e de verdade, porque he misericordia exercitada com mortos, em *qua* não cabe dependencia, nem lisonjas de vivo. Que vivo ha, que queira ser pay, ou filho de hum enforcado? He taõ feyo, taõ infame, e taõ abominavel o supplicio da forca, que de todos estes respeitos priva, e despoja aos miseraveis, que nella acabaõ. O que hoje he a forca, era antigamente a Cruz (como foy até o tempo do Imperador Constantino) e fallando della S. Paulo, diz: *Maladictus omni, qui pendet in ligno.* Todo o homem, que acaba a vida pendurado em hum páo, he maldito. Allude o Apostolo ao Capitulo vinte e hum do Deuteronomio, onde a Ley Divina pronuncia a mes-

Deut.
21. 23.

ma maldiçaõ com palavras ainda de mayor horror: *Maledictus à Deo est, qui pendet à ligno.* O homem, que morre em hum páo, não ló he maldito, senão maldito de Deos. Sentença verdadeiramente horrenda, e que só se póde entender por encarecimento da infamia, e abominação de tal genero de morte. Eraõ condemnados a este supplicio não todos os delictos, senão os mais graves, e atrozes, como o latrocínio, o homicidio, a rebelião, a blasfemia: e não diz a Ley, que são malditos de Deos os ladroens, os homicidas, os sediciosos, os blasfemos; senão os que morrem pendurados de hum páo: *Maledictus à Deo est, qui pendet à ligno.* Como se fora mais abominavel a pena, que a culpa, e mais mofinos, e malditos os justificados pela infamia do supplicio, que pela atrocidade dos crimes. E como esta infamia, e maldiçaõ corre pelas vëas, e se diffunde, e estende aos parentes, qual haverá, que a queira herdar, ou ter parte nella? Esta he a razaõ, porque os vivos, destes mortos não podem ser adulados, nem lisonjeados nelles, envergonhados, e afrontados sim. Antes a mayor honra, e graça, que se póde usar com os taes, he dissimular-lhe o sangue, e encobrir-lhe o parentesco. Por illo consideraõ alguns, que estando Christo na Cruz, nem á Mãe chamou Mãe, nem ao primo, primo, naquellas duas verbas do seu testamento, callando os nomes do parentesco, por lhe não publicar a afronta.

Isai.
55. 21

Mas quem mais altamente ponderou a verdade desta razaõ, foy o Profeta Isaiás. Aquelle texto: *Generationem ejus quis enarrabit:* a que se tem dado tantos sentidos literaes, se bem se atar (como deve) com a relaçaõ do que fica atraz, e vay a diante, quer dizer: Quem tomará na bocca sua geraçaõ, ou quem se prezará, e jactará de ser da geraçaõ de Christo? E porque? *Quia abscissus est de terra viventium.* Porque foy tirado da terra dos vivos, porque foy morto violentamente. Pois por

por ser morto violentamente se haviaõ de afrontar de sua
 geraçãõ? Morto violentamente foy ElRey Josias, morto
 o violentamente Abner, mortos violentamente os famo-
 los Machabeos Judas, e Eleazaro, e nem por isso se des-
 prezava ninguem de ser de sua geraçãõ, antes se honra-
 vaõ muito. Como diz logo. Isaías, que se haviaõ de afrõn-
 tar os homens de ser da geraçãõ de Christo, por ser mor-
 to violentamente? Naõ diz isto Isaías pela morte, nem
 pela violencia, senãõ pelo genero, e ignominia della,
 como já tinha declarado nas palavras antecedentes, isto
 he, porque havia de morrer violentamente em huma
 Cruz, que era o mesmo, que em huma forca: e parente,
 e da geraçãõ de hum enforcado, ninguem ha, que o
 queira ser. As palavras, em que o declarou o Profeta, saõ
 aquellas: *Vidimus eum, & non erat aspectus, quasi abscondi-*
tus vultus ejus. Como aguda, e eruditamente notou aquel-
 le grande Expositor, a quem Hespanha tem dado mo-
 dernamente o titulo de Beda, o Veneravel Padre Gaspar
 Sanches. Assim como cá aos nossos enforcados lhe co-
 brem o rosto, quando os haõ de lançar da forca, assim an-
 tigamente cobriaõ o rosto aos crucificados, naõ quando
 os pregavaõ na Cruz, senãõ quando os condemnavaõ a
 ella. Quando ElRey Astuero mandou crucificar a seu vali-
 do Amã, diz o Texto, que logo lhe cobriraõ o rosto:
Necdum verbum digne Rex exierat, & statim operuerunt sa-
ciem ejus. Estando Caifás, e os do seu Conselho condem-
 nãraõ a Christo, logo tambem lhe cubriraõ o rosto: *Con-*
demnaverunt eum esse reum mortis, & ceperunt quidam conspu-
ere eum, & velare faciem ejus. E isto he o que declarou Isaías,
 profetizando o genero da morte de Christo, quando dis-
 se, que o viraõ com o rosto cuberto, e escondido: *Vidimus*
eum, non erat aspectus, quasi absconditus vultus ejus. E porque
 tinha já dito, que o genero da morte havia de ser taõ igno-
 minioso, e atrontoso, como era o da forca daquelle tem-
 po; por isso accrescentou, que ninguem havia de querer
 ser

Isai
53o 8oEph. 7
8.Marci
14. 64.

ser da sua geração, e não por outra cousa, senão pela morte, com que havia de ser tirado deste Mundo: *Generationem ejus quis enarrabit, quia abscessus est de terra viventium.*

Assim o disse Isaías, e assim o mostrou a experiencia, nos que eraõ do sangue, e geração do mesmo Christo, como notou São Paulo: *Prædicamus Christum crucifixum, Judæis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam.* Eu prégo a Christo crucificado, assim aos Judeos, como aos Gentios, mas como lhes digo, que foy crucificado, os Judeos escandalizaõ-se, os Gentios zombaõ. Deixemos aos Gentios, vamos aos Judeos. Christo era do Tribu de Judá: *De Tribu Juda.* Era filho de David, e de Abraham: *Filii David, filii Abraham.* E estes mesmos pays, e avós, saõ aquelles, de quem tanto se prezaõ os Judeos: *Nos semen Abraham sumus.* Sobre tudo, Christo era filho de Deos, como elle provou aos mesmos Judeos com as palavras do Psalmo: *Dixit Dominus Domino meo, sede à dextris meis.* A que elles não tiveraõ, que responder. Pois se por todos os lados lhe estava tambem aos Judeos serem parentes de Christo, porque o não querem? porque se afrontaõ d'elle? Em que reparaõ os seus brios, em que tropeça a sua honra, que isto quer dizer *scandalum*? Todo o escandalo, em que tropeçavaõ, era a Cruz, todo o reparo, e toda a repugnancia era haver sido Christo crucificado: *Christum crucifixum Judæis scandalum.* De sorte, que posta de huma parte a honra da Divindade, e da outra a afronta da Cruz, afrontavaõ-se do parentesco de Deos, só por não ser parentes de hum crucificado. E como os vivos fogem, e abominaõ tanto o ser parentes, dos que taõ afrontosamente morreraõ; por isso a obra de misericordia, que se exercita com estes mortos, he livre de toda a consideração, e respeito dos vivos, e como tal sem controversia, misericordia, e verdade: *Misericordia, & veritas obviaverunt sibi.*

O mes-

O mesmo David, que nos deu o fundamento de tudo o que temos dito, nos dará também a ultima clausula, e prova; pois não pôde haver melhor interprete do Texto, que o mesmo Author d'elle. Morreo El Rey Saul na fatal batalha dos Montes de Gelboé, e morrerão juntamente tres filhos seus, o Principe, e dous Infantes. Ao outro dia vieraõ os Falistêos a recolher os despojos, e recolhendo entre os mortos os corpos dos quatro Principes insolentes com a vitoria os enforcáraõ barbaramente; e os deixáraõ pendurados das ameyas nos muros da Cidade de Bethsan. Assim não valem Purpuras, nem Coroas contra os castigos, que vem sentenceados pelo Ceo, e não ha desgraça, nem miseria taõ indigna, a que não estejaõ sujeitos, os que nascerão homens; por mais que os tenha levantado a fortuna sobre toda a igualdade da Natureza. Desta maneira estiverão expostos aos olhos do Mundo aquellas quatro grandes figuras desta grande tragedia, até que movidos a piedade os moradores de Jabes Galaad, ajudados do silencio da noite, os descerão daquelle infame lugar, e lhes deraõ sepultura. O que agora faz ao nosso ponto, he, que agradecendo David de Jabes esta obra de misericordia, o fez com estas palavras: *Benedicti vos à Domino, quia fecistis misericordiam hanc cum Domino vestro Saul, & sepelivistis eum. Et nunc retribuet vobis quidem Dominus misericordiam, & veritatem.* 1. Reg. 2. 5.

Muito vos agradeço (diz David) a obra de misericordia, que usastes com Saul vosso antigo Senhor, com lhes dades sepultura, e também vos prometto, que Deos vos pagará esta misericordia, e verdade. No primeiro lugar, chamou a esta obra, misericordia, e no segundo, chamou-lhe misericordia, e verdade. E porque? Porque enterrar os defuntos, he absolutamente obra de misericordia; mas enterrar defuntos enforcados, como estes eraõ, e sem outro respeito, nem dependencia de vivos (porque também estes se tinhaõ acabado com Saul)

Saul) não só he misericordia de qualquer modo, mas misericordia, e verdade: *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam, & veritatem.* El Rey Saul, ainda que deixou alguns filhos, assim elle, como elles estavaõ já desherdados por Deos, e ungido para a Coroa de David, como era publico em todo Israel: e que não havendo vivos, a quem respeitar, nem adular, tivessem aquelles mortos, e enforcados, quem tirados do lugar infame lhes dêsse honrada sepultura; não só foy acto de misericordia, mas de misericordia, e verdade; e de misericordia, e verdade canonizada pelo mesmo Espirito, e pelo mesmo Author do nosso Texto: *Retribuet vobis Dominus misericordiam, & veritatem: Misericordia, & veritas obviaverunt sibi.*

E para que acabemos hum acto de misericordia taõ defenteressada com o mayor interesse; que póde espera, a misericordia, saiba toda esta santa Communitade, que neste mesmo defenteresse seu, consiste o mayor interesse. Não o teraõ com os homens, porque estes mortos não tem vivos, mas telo-haõ com aquelle Senhor, que sempre vive, e nenhuma obra mais estima, e premia, que as que os vivos exercitaõ com os mortos. Deos sempre premia misericordia com misericordia, que he huma das mayores excellencias desta virtude: *Beati misericordes, quoniam ipse misericordiam consequentur.* Mas assim como esta obra tem de mais ^{uermidade} misericordia, e verdade; assim a premia tambem Deos com misericordia, e verdade: *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam, & veritatem.*

Muitas obras de misericordia premia Deos muitas vezes com misericordia, que não he misericordia, e verdade. A misericordia, que os Esmolêres exercitaõ com os pobres, muitas vezes premia Deos com accrescentar a fazenda, que com elles se reparte: *Feneratur Domino, qui miseretur pauperi.* A misericordia, que os filhos exercitaõ

citaõ com os pays , promete-lhes Deos em premio larga vida : *Ut sis longævus super terram.* A misericordia , que os Capitães exercitaõ com os inimigos, tambem lhe remunera Deos com vitorias, e despojos : *Si reddidi retribuētibus mihi mala, de idam merito ab inimicis meis inanis.* Mas todas estas misericordias, com que Deos muitas vezes paga a misericordia, naõ são misericordia, e verdade ; porque a fazenda , a vida, as vitorias, e todas as felicidades do Mundo, são taõ falsas, e vãs, como o mesmo Mundo, com o qual todas acabaõ. Qual he logo a misericordia, e verdade, com que Deos paga nesta vida ? A misericordia, e verdade, de que falla David , quando diz : *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam, & veritatem:* he só a graça de Deos. Por isto Christo se chama cheyo de graça , e de verdade : *Plenum gratiæ, & veritatis.* Porque nesta vida só a graça de Deos he verdade, e tudo, o que naõ he graça de Deos he vaidade, e mentira : Mentira, e vaidade as riquezas, mentira, e vaidade as honras, mentira, e vaidade as que taõ falsamente se chamaõ delicias, em fim , tudo, o que este Mundo préza, ama, e bulca, mentira, e vaidade : *Ut quid diligitis vanitatem, & queritis mendacium ?* Oh se bem acabassemos hoje de entender esta verdade , que grande misericordia de Deos seria ? E como nesta vida só a graça de Deos he verdade, esta he tambem a verdade , e misericordia , com que Deos paga nesta vida a misericordia , que junta-mente he verdade ; isto quer dizer : *Et nunc, agora nesta vida retribuet vobis Dominus misericordiam, & veritatem.*

Mas porque Deos nos naõ fez só para vivermos neste Mundo , que acaba , senaõ tambem no outro , que ha de durar para sempre, sabey por ultima conclusaõ, que assim como Deos paga a misericordia , e verdade nesta vida, com a verdade desta vida, assim a ha de pagar tambem na outra vida, com a verdade da outra. E qual he a verdade da outra vida ? He a gloria, que responde

Exod.
20. 12.

Psalms
7. 5.

Joan. 1.
14.

Pf. 43
3.

ponde á graça. Neste Mundo, que he a terra da mentira, a unica verdade he a graça: no outro Mundo, que he a terra da verdade, toda a verdade he a gloria. E assim como Deos nesta vida paga a misericordia, e verdade com a graça, que he a verdade desta vida, assim na outra vida a ha de pagar igualmente com a gloria, que he a verdade da outra. Assim o tem promettido o mesmo Deos, e não por outra boca; senão pela do mesmo David, que nós ensinou, e exhortou a ajuntar a misericordia, e verdade: *Misericordiam, & veritatem diligit Deus, gratiam, & gloriam dabit Dominus.* Porque Deos ama a misericordia, e verdade, a todos os que ajuntarem a verdade com a misericordia, dará Deos nesta vida a Graça, e na outra a Gloria.

